

CORRIDA DE RUA E MULHERES: UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Giovanna Garcia Ticianelli¹

Helena Altmann²

PALAVRAS-CHAVE: corrida de rua; mulheres; gênero; mídia;

INTRODUÇÃO

O número de mulheres corredoras vem aumentando no Brasil, na São Silvestre, por exemplo, uma das corridas mais conhecidas no mundo, realizada na cidade de São Paulo todos os anos no dia 31 de dezembro, em 2013 havia 2.446 corredoras inscritas a mais do que em 2008, representando assim uma crescente inserção das mulheres nesse esporte. Junto a esse crescimento, também multiplicam-se os artigos esportivos direcionados a essa modalidade e público, como tênis, relógios, acessórios, revistas entre outros.

A prática da corrida de longa distância por mulheres é relativamente recente, ocorrendo o mesmo com a produção de conhecimento sobre esta prática esportiva e social. A pesquisa bibliográfica sobre esta temática localizou pesquisas que abordam a corrida, no geral, sob a perspectiva do treinamento e dos possíveis distúrbios e benefícios a ela relacionados, como incontinência urinária e distúrbios alimentares (ARAUJO, OLIVEIRA, ZUCCHI, TREVISANI, GIRÃO, SARTORI, 2007), amenorreia e osteoporose (MANTOANELLI, VITALLE, AMANCIO, 2002). Na produção científica brasileira, não foram localizadas pesquisas que abordem a corrida de rua praticada por mulheres a partir de uma perspectiva de gênero ou mesmo das ciências humanas de forma mais ampla. Há, no entanto, pesquisas sobre mulheres praticando outros esportes, como futebol (GOELLNER, 2005, MORAES, 2012, ALTMANN e REIS, 2013), judô (SOUZA e MOURÃO, 2011), skate (GOELLNER e FIGUEIRA, 2013), esportes equestres (ADELMAN, 2011), esporte olímpico (RUBIO, 2011) entre outros. Esta pesquisa dialogou com estes trabalhos, e pretende contribuir com a sistematização do conhecimento sobre mulheres no esporte, em particular nas corridas.

Qual conteúdo é transmitido por uma revista sobre corrida de rua direcionada para o público feminino? Esse conteúdo está relacionado ao treinamento e a prática propriamente dita da modalidade ou a estética, emagrecimento e beleza? Qual o objetivo das mulheres praticantes amadoras com a corrida? Por que e com quais expectativas elas começaram e continuam praticando a modalidade? Os elementos presentes na revista estão também presentes nas entrevistas? Esses são os questionamentos que pretendemos responder com a presente pesquisa e, para isso, foi analisada a revista *WRun* e feitas entrevistas com mulheres corredoras amadoras da cidade de Bauru. Essas investigações consistiram em duas iniciações científicas realizadas de 2013 até o presente ano.

Nessa pesquisa serão apresentados resultados que utilizam-se do gênero para demonstrar uma diferente relação de poder, de espaço e participação das mulheres no âmbito esportivo e também para refutar a ideia de corpo “frágil” direcionadas a elas. O conceito de gênero é compreendido nesta pesquisa a partir de Joan Scott (1995), Linda Nicholson (2000), Guacira Lopes Louro (1997), entre outros. Segundo Scott, gênero é uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos, definindo-o como uma categoria de análise, sendo uma forma de “significar as relações de poder”, assim como “um modo de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1995, p. 23).

OBJETIVOS

O presente artigo tem como objetivo analisar as razões pelas quais algumas mulheres buscam a prática da corrida de maneira regular e constante no seu dia a dia. Para isso foi analisada uma revista sobre a modalidade direcionada para o público feminino, questionando qual o seu conteúdo e a que fins ele está relacionado – treinamento, estética, socialização, lazer, emagrecimento entre outros – e realizadas entrevistas com mulheres corredoras amadoras, observando quais seus objetivos com a corrida, por que e com quais expectativas elas começaram e continuam praticando o esporte. A partir desses dois meios pretendemos estabelecer relações entre o conteúdo da revista e as falas das mulheres e identificar os fins que a corrida de rua possui para as suas praticantes.

ANÁLISES E DISCUSSÕES

Enquanto na revista a corrida de rua aparece mais como um meio, para atingir um fim, o qual está relacionado a aspectos estéticos do corpo, principalmente no que se refere ao emagrecimento, entre as corredoras a corrida em si e a busca de um melhor rendimento adquirem uma maior importância. Para algumas, o início da prática da corrida esteve relacionado à busca de um estilo de vida mais saudável e ao emagrecimento, no entanto, com o passar do tempo, ainda que esses objetivos não tenham se extinguido totalmente, o envolvimento com a corrida, com o treinamento, a busca de um melhor desempenho ganharam maior importância para as corredoras.

CONCLUSÕES

A revista apresentou ênfase no quesito beleza, estética, emagrecimento e imagens de mulheres com um corpo seguindo os padrões de beleza atuais (magro, músculos definidos, cabelos alisados, maquiagem, unhas pintadas etc.). Já nas respostas das corredoras outros aspectos e objetivos foram falados por elas, pouco enfatizando a relação da prática da corrida com a beleza e sim com momentos prazerosos, competições e conquistas alcançadas. Demonstrando que a imagem e o conteúdo transmitido por uma revista direcionada a esse esporte pode não condizer com a realidade das praticantes e sim com um padrão de beleza imposto não só no mundo esportivo, mas para as mulheres de maneira geral.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M.. As mulheres nos esportes equestres: forjando corporalidades e subjetividades 'diferentes'. **Revista Estudos Feministas** (UFSC. Impresso), v. 19, p. 931-953, 2011.
- ALTMANN, Helena e REIS, Heloisa H. B. dos. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Revista Movimento**. 2013 (no prelo).
- ARAUJO, Maíta Poli de et al . Relação entre incontinência urinária em mulheres atletas corredoras de longa distância e distúrbio alimentar. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, v. 54, n. 2, Apr. 2008.
- GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, ab./jun., 2005.
- GOELLNER, Silvana V.; FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. Quando você é excluída, você faz o seu: mulheres e skate no Brasil. **Cadernos Pagu** (UNICAMP. Impresso), 2013.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

MANTOANELLI, Graziela; VITALLE, Maria Sylvia de Souza; AMANCIO, Olga Maria Silverio. Amenorréia e osteoporose em adolescentes atletas. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 15, n. 3, Sept. 2002.

MORAES, Enny Vieira. **As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990)**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, v. 8, n.2, p. 9-41, 2000.

RUBIO, K. (Org.). **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. v. 1. 284p

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.

SOUZA, Gabriela C.; MOURÃO, Ludmila. **Mulheres no Tatame: o judô feminino no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X e FAPERJ, 2011.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Essa pesquisa foi financiada pelo CNPq através do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade.

¹ Graduanda em Educação Física na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, gi_ticianelli@yahoo.com.br.

² Prof^a Dra Helena Altmann, Faculdade de Educação Física da UNICAMP, altmann@fef.unicamp.br.